

ATUAÇÃO PROFISSIONAL, RECURSOS POLÍTICOS E PADRÕES DE INVESTIMENTO NO JORNALISMO NO RIO GRANDE DO SUL

*Fernanda Rios PETRARCA**

RESUMO: Este estudo analisa os padrões de recrutamento e ascensão profissional dos jornalistas no RS. Uma das condições de ascensão profissional que se destaca consiste nas estratégias de reconversão de recursos políticos em posições jornalísticas e em redefinições dos mecanismos de legitimação dos papéis dos profissionais. A forma especial de relacionar a *expertise* jornalística com a atuação política resulta na intervenção profissional em assessorias políticas e na ocupação de cargos em instituições estatais. A metodologia adotada consistiu em entrevistas com jornalistas que ocupam posições dirigentes com o objetivo de obter informações pertinentes às trajetórias sociais, políticas e profissionais.

PALAVRAS-CHAVE: Elites. Jornalismo. Recursos políticos. Atuação profissional.

Introdução

Este artigo tem como objetivo apresentar alguns resultados de uma pesquisa mais ampla sobre os processos de inserção e ascensão profissional no espaço jornalístico no estado do Rio Grande do Sul¹. O ponto de partida da análise consistiu na investigação dos recursos que caracterizam o acesso a posições dirigentes nesta atividade. A metodologia adotada consistiu em entrevistas biográficas com jornalistas que ocupam posições de chefia em diversos espaços de atuação do jornalismo (redações jornalísticas – rádio, televisão, jornal impresso e revistas -; assessoria de imprensa governamental; assessoria de imprensa de movimentos sociais; assessorias

* Doutora em Sociologia. Pesquisadora/bolsista de Pós Doutorado Júnior do CNPq. UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – Programa de Pós Graduação em Sociologia. Porto Alegre – RS – Brasil. 91509-900 – f.petrarca@uol.com.br

¹ Este estudo resultou numa tese de doutorado denominada: “O Jornalismo como Profissão: recursos sociais, titulação acadêmica e inserção profissional dos jornalistas no RS”, defendida pelo Programa de Pós Graduação em Sociologia da UFRGS (PETRARCA, 2007).

de comunicação) com o objetivo de obter informações pertinentes às trajetórias sociais, políticas e profissionais.

O estudo de grupos e elites dirigentes se constituiu nas Ciências Sociais como um importante tema de investigação e objeto legítimo de pesquisa que suscitou divergentes interrogações. Tais divergências podem, inicialmente, ser observadas pela variação no uso de um conjunto de termos, como “elites”, “classes dirigentes”, “grupos dirigentes”, ou ainda, “grupos dominantes”, empregados alternadamente para definir o objeto em questão e que resultam de confrontos teóricos e metodológicos e dos esforços de diferentes autores na construção desta linha de estudos. As diferentes tradições trouxeram formulações diversas e o seu tratamento depende das condições e da dinâmica das ciências sociais em cada país. Contudo, dadas as limitações do presente texto, não se pretende aqui fazer uma revisão da literatura sobre o tema, nem tampouco mostrar seus condicionantes sociais. Trata-se, apenas, de apontar rapidamente as principais vertentes que dominaram a análise do tema nas Ciências Sociais e a partir de que perspectiva este trabalho se situa.

Uma das teorias a ganhar proeminência foi aquela que ficou conhecida como “elitismo” e que se destacou pela crítica às idéias democráticas e ao socialismo. Autores clássicos como Gaetano Mosca, Vilfredo Pareto e Robert Michels se apresentaram como os principais formuladores a dar ênfase para a existência de uma minoria que, por seus “dons” e “competências”, detinham um poder de comando sobre grupos que nem mesmo o “sufrágio universal” poderia conter. Uma das preocupações centrais que prevalecia nos estudos sobre elites era a demonstração de que qualquer sistema político, até mesmo o democrático, era dirigido por minorias. A principal contribuição da democracia, nesta linha, foi a de permitir uma diversificação das elites e uma maior concorrência entre elas renovando, desse modo, as “classes dirigentes” (GRYNSZPAN, 1996, 1999).

Entretanto, desde seu aparecimento até as décadas mais recentes, a teoria das elites passou por consideráveis mudanças, sendo alvo de interpretações diversas e sendo apropriada por autores com pressupostos, muitas vezes, opostos. A partir dos anos 1950, os estudos de elites passaram a sofrer uma forte influência das Ciências Sociais norte-americanas, com os consagrados trabalhos de Mills, Dahl e Schumpeter. As clássicas oposições entre Mills e Dahl resultaram em contraposições teóricas representadas, por um lado, pelo problema das relações de classe e posição de dominação, enfrentado por Mills, por outro lado, pelos estudos de demonstração empírica do poder proposto por Dahl. Estas oposições demarcaram duas formas distintas de abordagem. A abordagem elitista, que trazia na linha de frente Mills, dentre outros autores, tinha por objetivo demonstrar a capacidade de dominação das elites e as posições privilegiadas ocupadas. E, num outro pólo, a abordagem pluralista, representada por Dahl, que visava demonstrar empiricamente que os poderes das elites eram, fundamentalmente, flutuantes. A oposição entre “elitistas” e “pluralistas”

resultaram em trabalhos diversificados sobre o poder da comunidade, sobre a relação das elites com as “massas”, sobre os grupos de pressão e dos *lobbies* (RIESMAN; GLAZER; DENNEY, 1971). Estas tradições, no entanto, foram marcadas por posicionamentos não somente teóricos e metodológicos, mas notadamente normativos e políticos e representavam posturas distintas diante da democracia.

Na Europa, neste momento, emergiu um conjunto de estudos sobre elites voltado, sobretudo, para a investigação histórica da composição social e da caracterização das elites políticas e administrativas (CHARLE, 2006). Contudo, o debate sobre a teoria das elites enfrentou, no contexto dos anos 1980, um declínio, momento em que a intensidade dos estudos começou a diminuir (GRYNSZPAN, 1999). Após este período observa-se uma renovação dos estudos, sobretudo na França, com os trabalhos de Pierre Bourdieu. Neste momento, mais do que estudar elites ou grupos dirigentes, tratava-se de investigar a relação entre estruturas de dominação e espécies de capital em diferentes esferas sociais. Visando romper com o pensamento substancialista que marcou os estudos das elites, os trabalhos de Bourdieu estavam voltados para o exame das disputas que os agentes travam em diferentes espaços sociais para ocupar posições dominantes e a sua relação com as estruturas de capital e os princípios de dominação legítimos. Uma das implicações disso é a de que as posições dirigentes não podem ser reduzidas apenas ao capital econômico e respectivo princípio de legitimação.

Os estudos de Pierre Bourdieu (1989), sobretudo “La Noblesse de État”, serviram como fonte de inspiração para emergência de novos trabalhos que traziam como recorte as instituições escolares e o corpo administrativo, abandonando a problemática política que caracterizava o período anterior no estudo das elites (CHARLE, 2006). Podem-se citar, nesta mesma linha, os estudos de Pinçon e Pinçon Charlot (2003) sobre a renovação das estratégias de reprodução social da aristocracia frente à imposição do sistema de classificação escolar. Além disso, a aplicação da problemática bourdieusiana pode ser observada em um conjunto de outros trabalhos produzidos principalmente na França, mas também em outros países, como o Brasil, sobre o campo literário (SAPIRO, 2004), o campo intelectual (MICELI, 2001), o eclesiástico (MICELI, 1988; SEIDL, 2003), o campo jornalístico (RIEFFEL, 1984), os economistas (LEBARON, 2001; LOUREIRO, 1997) e, mais recentemente, sobre a circulação internacional de elites e os mecanismos de competição das elites nacionais e internacionais (ALMEIDA, 2004, DEZALAY; GARTH, 2000, 2002). Além disso, estes trabalhos contribuíram para articular pesquisas históricas e tratamento sociológico, renovando, dessa forma, a temática das elites sociais, políticas e culturais. Isto se traduziu nos estudos sobre biografias, trajetórias e prosopografias².

² O método prosopográfico está relacionado ao estudo de biografias coletivas, com vistas a identificar características comuns de um grupo social em determinado momento histórico (HEINZ, 2006).

Um dos principais desdobramentos deste esquema de análise inclui as investigações sobre os padrões de recrutamento e de seleção de grupos que ocupam posições elevadas em diferentes esferas sociais e não apenas na esfera política. Tal desdobramento visa dar conta não só do exame das origens sociais e dos recursos políticos e culturais que caracterizam determinado grupo, mas também das estratégias acionadas no decorrer dos itinerários sociais e profissionais para garantir uma posição de destaque em determinadas esferas. Nestes estudos, uma das linhas de trabalho que tem se consolidado é aquela voltada para as diferentes condições e modalidades de inserção e ascensão profissional. Um conjunto de propostas tem demonstrado que, nas lutas profissionais por classificação e por acesso a certas posições, sobretudo aquelas mais prestigiosas, os agentes comprometem os recursos que acumularam durante seu trajeto social e profissional e que resultam de sua origem social, formação escolar e inserção em outras esferas de atividade, como a esfera política (BOIEGOL; DEZALAY, 1997; BOLTANSKI, 1982; BOURDIEU, 1984; CORADINI, 1996).

Partindo destes pressupostos mais gerais e das limitações presentes no texto, serão enfatizados os usos de recursos políticos, com vistas a demonstrar de que forma os vínculos com a esfera política podem se constituir como trunfos fundamentais para a ocupação de posições de chefia em diferentes espaços de atuação jornalística. Num primeiro momento, serão apresentados os recursos que caracterizam os investimentos no jornalismo e os principais padrões de ascensão deste grupo profissional. Num segundo momento, trata-se de apresentar, com base na exposição de alguns casos exemplares, as estratégias de reconversão de recursos políticos em posições jornalísticas. A forma especial de relacionar a *expertise* jornalística com a atuação política resulta na intervenção profissional em assessorias políticas e na ocupação de cargos em instituições governamentais.

Padrões de inserção e ascensão profissional: o peso das redes de relações

A atividade jornalística tem sido apresentada pela bibliografia pertinente (NEVEU, 2001; RIEFFEL, 1984; RUELLAN, 1992) como uma atividade que exige um “dom” especial, uma “arte particular”, para estabelecer contatos, criar afinidades e suscitar simpatias. O jornalista é, portanto, um “estrategista dotado de virtudes” que não hesita em usar o seu tempo para renovar laços e ampliar contatos sociais que lhe possibilitem constituir um amplo caderno de endereços e agenda telefônica. A entrada no ofício graças a um amigo, a um parente ou a um conhecido faz parte de uma necessidade objetiva dos jornalistas e indica que ele já possui, de início, um caderno de endereços. A consolidação e a gestão deste capital de relações sociais são fundamentais ao longo da vida profissional, permitindo o

acesso à informação jornalística e a ascensão profissional. Nesse sentido, quanto maior o capital de relações de um jornalista, maior é a probabilidade de promoção profissional, uma vez que as chances de obter informações em primeira mão se elevam. A extensão de suas relações transforma-se em competências profissionais e em uma forma de reconhecimento interno, constituindo-se em uma força dentro das redações jornalísticas. Mas a habilidade para estabelecer vínculos e fazer contatos, exigida desde a entrada no exercício profissional, é fruto de várias determinações e resultado da inserção do jornalista em várias esferas sociais (família, partidos políticos, movimentos sociais, amigos, etc.).

Portanto, para analisar os principais padrões de inserção e ascensão profissional, interessou, particularmente, nesta pesquisa, a relação entre recursos sociais e esferas de atuação, com objetivo de identificar de que forma as esferas em que os jornalistas estão inseridos possibilitam, enquanto espaços de sociabilidade, a acumulação de um conjunto de recursos que podem ser reconvertidos em recursos profissionais. A capacidade de mobilizar diferentes inserções e reverter recursos provenientes de espaços sociais os mais diversos apresentou-se, neste estudo, como uma garantia de “sucesso” no jornalismo. A diversidade de bases sociais e de esferas de atividades acionadas para inserção e para ascensão profissional explicitou certas combinações possíveis entre recursos que conduzem à ocupação de posições dominantes na hierarquia jornalística e o acesso aos cargos mais cobiçados, sejam eles no interior das redações, ou fora delas, como nas assessorias de imprensa, na universidade.

Dentre os recursos mobilizados estão, por um lado, aqueles proporcionados pelas origens sociais elevadas. Nesse caso, não só as relações proporcionadas pela família são relevantes e se tornam recursos básicos, mas também a posição social e culturalmente dominante. Tal posição constitui-se em um título, muitas vezes, ostentado como positivo para o exercício do jornalismo. Isso tem como consequência fortes afinidades com as atividades de comando e de chefia no interior das redações jornalísticas. Por outro lado, além da esfera familiar, demonstra-se a importância das relações provenientes da militância política, estudantil e partidária para ocupação de posições no jornalismo. A acumulação de capital aparece associada e se complementa as atividades de representação categorial, como militância sindical, ou algum outro tipo de associativismo ligado a partidos políticos. O resultado desses recursos é uma proximidade muito grande com postos ocupados nas universidades, na burocracia pública e nas assessorias de imprensa políticas e para movimentos sociais. E por fim, é possível explicitar que os vínculos estabelecidos no interior das redações são essenciais para o crescimento na hierarquia jornalística, possibilitando indicações e acesso a certos postos. Tal esfera de atividade apresenta-se como fundamental em momentos de redirecionamento da carreira ou investimentos em outras áreas

de atuação, como, por exemplo, a mudança de empresa jornalística ou ingresso em assessorias de imprensa³.

No entanto, a reconversão de recursos sociais, sejam eles de posição de origem ou obtidos pela participação político-partidária, nunca ocorre de maneira direta, uma vez que entre eles perpassam o espaço das redações e o próprio universo acadêmico. Praticamente todos os jornalistas entrevistados lançam mão de mais de uma base de recursos e de esferas sociais, de acordo com o seu trajeto e sua inserção social e profissional. Uma das dificuldades que se apresentou ao trabalho, para construir padrões que permitissem caracterizar e tornar inteligíveis determinadas carreiras, foi a apreensão da inserção dos jornalistas nesse sistema multiposicional. A alternativa encontrada consistiu em um conjunto de informações coletadas e disponíveis por meio de outras fontes de dados, as quais permitiram caracterizar a principal base de recursos profissionais.

Deste modo, uma das questões principais que esta pesquisa permitiu observar é que, no caso do jornalismo no Brasil, as possibilidades de utilização simultânea de vínculos de natureza diversa constituem um dos componentes básicos da “profissão de jornalista”, permitindo fazer desta atividade um espaço importante de mediação com outros espaços sociais. Contudo, os usos simultâneos de recursos sociais variados não conduzem apenas a uma consagração interna às redações, em função de um amplo caderno de endereços, como observado no caso francês demonstrado pela literatura, mas os efeitos principais disso são a ampliação e a diversificação da atuação jornalística em diferentes esferas de atividade (assessorias para partidos políticos, campanhas eleitorais, movimentos sociais, consultorias). Conseqüentemente, investir em um conjunto diversificado de contatos e vínculos não representa somente uma estratégia para obter informações em primeiro plano, significa, além disso, investir em relações que podem resultar em novas posições profissionais em espaços diversificados deixando em aberto as possibilidades de intervenção jornalística. Em situações como a brasileira, como as fronteiras entre os espaços são mais fluidas e menos estáveis, a qualquer momento o capital de relações, o qual pode ser fruto das origens sociais elevadas, do investimento na militância política e do intenso contato

³ Ao total somaram-se 46 entrevistas e foram definidos três grandes padrões de associação e reconversão de recursos diversos em posições profissionais. Um primeiro padrão consiste naqueles jornalistas que tem como principal base de recursos os de origem social elevada, correspondendo a um total de 11 casos dos 46 analisados. Os principais postos ocupados são, sobretudo, os de editores, chefes e diretores de redação. Um segundo padrão consiste na combinação entre os recursos obtidos através do intenso investimento nas redações jornalísticas e aqueles proporcionados pelo espaço escolar, correspondendo a um total de 15 casos. Destacam-se, nesse caso, postos em assessoria de imprensa e redações jornalísticas. E por fim, a modalidade que interessa neste texto, e que representa aqueles jornalistas que tem como principal base de recursos aqueles obtidos através da militância política e partidária, correspondendo a 20 casos. As principais posições ocupadas por tais jornalistas estão mais diretamente relacionadas a universidade, entidades de classe e assessorias de imprensa.

com as fontes de informação, pode ser acionado para permitir a ampliação dos espaços de atuação profissional. Além disso, a necessidade de acumular diversos recursos sociais indica para concepções de jornalismo que remetem a outros princípios de legitimação que não o exercício profissional *strictu sensu*.

Dentre as esferas sociais que possibilitam a diversificação da atuação profissional, destaca-se a esfera política e as atividades de assessoria de comunicação e imprensa (para partidos políticos, movimentos sociais, órgãos e instituições governamentais), ocupação de cargos políticos, secretarias de comunicação, cargos de confiança em empresas de comunicação pública, como TVE. Um conjunto diversificado de jornalistas, como se verá em seguida, encontra na esfera política a possibilidade de ampliar suas formas de atuação profissional. Tal esfera representa, portanto, um espaço privilegiado para diversificar uma atuação que tem como base a “competência técnica” e que não está fundada em mandatos eleitorais.

Recursos políticos, competência jornalística e investimento profissional

Cada vez mais a atividade profissional tem se destacado no recrutamento e na seleção de novos quadros e elites políticas, contribuindo para novas modalidades de uso da profissão e das “competências técnicas” nas carreiras de militantes (movimentos sociais, organizações não governamentais, partidos políticos) e na legitimação da ocupação de cargos públicos (secretarias, pastas governamentais). Contudo, a relação entre profissões e política depende, de um lado, da forma como o exercício profissional possibilita o acesso a certas posições e recursos sociais que podem ser reconvertidos em recursos políticos. Nesse sentido, o próprio exercício do jornalismo no interior dos jornais, como as editorias, as colunas e os comentários de política são fontes de capital político, pois além de permitirem visibilidade pública, esse tipo de atuação permite um contato amplo com o universo da política por meio da relação com as “fontes” de informação. Esta relação, a qual se materializa em rotinas diversificadas, tais como, almoços, encontros, troca de telefonemas como garantia de acesso aos “bastidores da política”, pode ser facilmente convertida em uma carreira na política. De outro lado, esta relação é condicionada por uma multiplicidade de recursos sociais adquiridos pelos agentes ao longo do seu itinerário social, profissional e político (CORADINI, 2001; DOGAN, 1999; OFFERLÉ, 1999; DULONG, 1996).

Os casos abaixo descritos representam duas modalidades distintas de vínculo entre o jornalismo e a política para a ampliação das possibilidades de intervenção profissional. A primeira é representada por aqueles jornalistas que estabeleceram um vínculo com a esfera da política via atuação no interior das redações jornalísticas.

Tal atuação possibilitou um amplo contato, que resultou em convites diversificados para atuar na condição de superintendente de comunicação de instituições políticas, secretário de comunicação e diretor de empresas de comunicação públicas (TVE). A segunda é representada por aqueles jornalistas que estabeleceram, ao longo do trajeto social, um vínculo com o universo da política via militância política e partidária. Tal investimento político partidário permitiu não só o acesso à esfera política como permitiu converter as “competências técnicas” em “competências políticas”.

O *network* das redações

Um dos casos exemplares é o do coordenador da assessoria de imprensa e comunicação da Assembléia Legislativa, cargo denominado superintendente de comunicação social. Depois de passar por vários jornais da capital do Rio Grande do Sul (*Zero Hora*, *Correio do Povo*, *Folha da Tarde*) como repórter, editor e subeditor de política, este jornalista já possuía um amplo contato com o universo da política (deputados, governadores, prefeitos, senadores, etc.) em função da intensa rotina em cobrir eleições, pautar acontecimentos políticos e noticiar a atuação de certas instituições políticas. A atuação nestes jornais lhe rendeu o convite de um deputado estadual, que conhecia como fonte, para trabalhar no gabinete de imprensa da Assembléia Legislativa, na qualidade de assessor de imprensa. Neste cargo teve a oportunidade de trabalhar com vários deputados da casa, estreitando e ampliando seus laços, o que lhe proporcionou, novamente, um novo desafio profissional: o de atuar como superintendente de comunicação da Assembléia Legislativa. A promoção, ou como ele mesmo denomina o convite para atuar na superintendência, cargo máximo na assessoria de comunicação social da Assembléia, ocorreu em função dos seus laços profissionais com o PTB, mais diretamente com o deputado Sérgio Zambiasi com quem trabalhou durante 15 anos no interior da Assembléia. Nesse momento da promoção, o presidente da casa era Sérgio Zambiasi e foi em função disso que o convite apareceu.

A atuação concomitante no setor de política de vários jornais da capital e na Assembléia Legislativa permitiu ampliar sua rede de relações e suas respectivas “fontes” e como ele mesmo afirma...

O que a vida inteira me abriu caminho, eu tenho orgulho de dizer, é o seguinte, eu tenho desde o governo Amaral de Souza na minha agenda o telefone de todos os governadores que passaram pelo estado. Eu levanto o telefone e falo com qualquer governador, falo com qualquer presidente do tribunal, falo com qualquer presidente

da Assembléia, falo com qualquer deputado, e falar, ter acesso é condição para o bom exercício do jornalismo.⁴

Essa extensa agenda de telefones permite, ao mesmo tempo, um reconhecimento interno e um acesso externo ao espaço das redações jornalísticas, ampliando assim as possibilidades de atuação profissional. A redação constitui um dos espaços fundamentais para acumular recursos que podem, ao longo da sua carreira, ser reconvertidos em novas posições. Essas reconversões revelam estratégias para transformar sua posição na estrutura de distribuição de cargos jornalísticos⁵.

De maneira semelhante ao caso descrito acima, pode-se apresentar o percurso profissional do atual coordenador da assessoria de comunicação e imprensa do Tribunal de Justiça. Esse jornalista, que iniciou sua carreira profissional nas redações das rádios da cidade de Santa Maria, conquistou várias funções em diversos setores do jornalismo devido ao seu amplo capital social proporcionado pelas redações jornalísticas. Dentre os diversos cargos que conquistou destacam-se: a assessoria para um deputado federal da cidade de Santa Maria, que o conhecia como fonte quando havia trabalhado na rádio dessa cidade; o convite do governo estadual para trabalhar no setor de imprensa e rádio do Palácio Piratini. Acumulando várias funções, este jornalista prestou ainda uma assessoria para o Tribunal Regional Eleitoral durante três meses a convite do desembargador que também o conhecia como fonte durante a cobertura das eleições na “Rádio Guaíba”. Além destes convites, recebeu ainda a proposta do governador Antônio Brito para ser mestre de cerimônias do Palácio Piratini. Nesse mesmo período recebeu o convite do secretário de comunicação para atuar no setor de jornalismo do Palácio. O governador havia sido seu chefe na “Caldas Júnior”, assim como o secretário de comunicação que havia sido seu colega na mesma empresa. Mais tarde, o mesmo desembargador que o solicitou para fazer uma assessoria convidou-o para ser assessor do Tribunal Regional Eleitoral. Nesse momento continuou apresentando programas na “Rádio Guaíba”, fazia alguns editoriais para o “Correio do Povo” e eventualmente atuava como mestre de cerimônias do Palácio Piratini.

Diante da dificuldade de conciliar tantas atividades, largou o Palácio Piratini, permanecendo apenas no Tribunal Regional Eleitoral e, eventualmente, na “Rádio Guaíba”. Em 2001, assessorou a campanha do desembargador, o mesmo que o convidou para ir para o Tribunal Regional Eleitoral, no Tribunal de Justiça. Tal desembargador ganhou as eleições e, em função disso, desencadeou um processo de

⁴ Trecho de entrevista, realizada em outubro de 2005, com coordenador da assessoria de imprensa e comunicação da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul.

⁵ Como mostram Matonti e Poupeau (2004), a reconversão de recursos revela um verdadeiro trabalho social que certos grupos realizam para conservar ou transformar sua posição na estrutura social.

transferência desse jornalista para o Tribunal de Justiça, no qual trabalha atualmente. Sua intensa rede de contatos proporcionados pelo investimento nas redações também lhe rendeu a realização de outras atividades, como promoção de eventos para empresas e para o Ministério Público.

O que caracteriza essa modalidade de carreira é a atuação em uma série de atividades jornalísticas possibilitadas por uma rede de contatos: o jornalista não fica restrito apenas a uma atividade, mas a várias ao mesmo tempo. O que importa, para conquistar novas posições, é com quem se faz contato. Assim, estar numa editoria de política ou cobrir eleições representa um contingente desse tipo de carreira, uma circunstância que permite o contato com certos grupos, políticos, empresários, que podem resultar em uma assessoria, e em outras atividades.

Um desdobramento dessa modalidade pode ser encontrado em outro caso em que o alto investimento no jornalismo rendeu a ocupação de cargos políticos e assessorias realizadas. Diferentemente dos casos anteriores, este jornalista não atuou no setor de política dos jornais, mas foi a sua atuação em espaços de direção de editorias e jornais que permitiu ampliar seus contatos e render investimentos além dos espaços das redações jornalísticas. Do interior do estado do Rio Grande do Sul, a entrada desse jornalista no mercado jornalístico ocorreu no jornal da sua cidade natal de propriedade de seu pai. Nesse jornal, ele começou a atividade colaborando com artigos esporadicamente até assumir a direção na década de 1980. Atualmente, o jornal está sendo administrado pelos seus irmãos que, além do jornal, possuem uma gráfica e uma editora responsável por uma das revistas de circulação nacional na área de agro-negócio, todas com sede em Cachoeira do Sul.

Apesar de herdar um jornal, esse jornalista fez sua carreira profissional em vários jornais da capital na qualidade de repórter, editor e diretor. Os cargos ocupados foram sendo conquistados através de convites de colegas de redação dos respectivos jornais nos quais trabalhou. Dentre os cargos pode-se citar o de editor do jornal “Campo e Lavoura” e editor da parte local do “Jornal Nacional” na “TV Gaúcha”, ambos por meio do convite do diretor de jornalismo da RBS, o qual era seu conhecido do mercado jornalístico, ou seja, do espaço das redações dos jornais. O convite foi aceito e, em seguida, acumulou outra função: a de sócio da “Cooperativa dos Jornalistas”, da qual o referido diretor, anteriormente mencionado, também participava.

O exercício do jornalismo nas duas empresas, RBS e na “Cooperativa dos Jornalistas”, estava incompatível. Devido a isso, optou pela dedicação à “Cooperativa” na qual, mais tarde, conquistou o posto de diretor-presidente. Essa “Cooperativa” produzia um jornal que foi considerado como um dos principais jornais alternativos, gerenciado apenas por jornalistas, que se destacou durante o

Golpe Militar. Na COOJORNAL⁶ permaneceu de 1976 até 1982, momento em que a cooperativa já começava a enfrentar alguns problemas com o governo militar, perseguições, processos e crises financeiras. Na tentativa de se ausentar desta situação, saiu da COOJORNAL para atuar no jornal de propriedade de seu pai como diretor de redação, com o objetivo de reestruturá-lo gráfica e editorialmente. Depois de dois anos atuando nesse jornal, dedicou-se à tarefa de assessor de comunicação no Ministério da Agricultura em Porto Alegre. Tal posto foi conquistado por indicação de Antônio Britto, o qual já era seu conhecido do meio jornalístico, pois quando atuava no jornal “Folha da Manhã”, Britto era chefe da central de interior da “Caldas Júnior”. A posição de editor, ocupada por este jornalista no jornal “Folha da Manhã”, e a posição de chefe de redação, ocupada por Antônio Britto na “Caldas Júnior”, permitiram uma aproximação maior entre os dois, uma vez que as notícias da central do interior deveriam ser divulgadas em todos os jornais da empresa. Essas atuações profissionais nos jornais possibilitavam um contato diário entre os dois jornalistas, o que gerou uma afinidade e um vínculo. Como assessor de comunicação do Ministério da Agricultura permaneceu por um período de um ano, até o ministro, Pedro Simon, concorrer ao governo do estado. Quando Simon ganhou as eleições para governo do estado convidou-o para assumir a Secretaria de Comunicação. Tal convite foi aceito.

Nesse período, recebeu, também, um convite para trabalhar na “TV Guaíba”. Da televisão saiu para ir trabalhar no “Correio do Povo”, também por convite de colegas do meio jornalístico. Mais tarde, foi convidado para participar de um projeto da “Revista Amanhã” pelo diretor, o qual havia sido seu colega na “Caldas Júnior” e da COOJORNAL. Nessa revista, atuou como editor de todas as publicações, além dela ser sócio. Nos anos seguintes, quando Britto foi eleito governador do estado, novamente recebeu o convite para permanecer no governo, agora como diretor da TVE, veículo no qual ficou até o final do governo (1998) como presidente executivo. Ao sair do governo, junto com outros colegas de governo, criou a empresa de comunicação que atualmente dirige. Essa empresa tinha como objetivo prestar consultoria e assessoria na área de comunicação e valeu-se da clientela que os seus sócios conquistaram em função dos contatos estabelecidos durante os anos que atuaram no governo.

Fruto dos relacionamentos fortes que a gente tinha. Eu com essa trajetória toda, tendo passado antes pelo governo e tudo mais [...]. E realmente nós não erramos a mão, realmente nos ajudou muito, essa rede de relacionamentos que a gente tinha e tem. [...] Cada um de nós tinha um cliente já debaixo do braço.⁷

⁶ Cooperativa dos Jornalistas (Porto Alegre/RS)

⁷ Trecho de entrevista, realizada em outubro de 2005, com proprietário de empresa de comunicação e assessoria.

Esse cliente que ele afirma ter carregado “debaixo do braço” foi conquistado pela sua atuação no governo. Tratava-se da “Associação Brasileira de Emissoras de TV Educativa”, da qual participou ativamente, tornando-se diretor executivo. Esse foi um dos clientes que ajudou a compor a receita da empresa recém-criada. Sem ter militância político-partidária, esse jornalista representa um dos casos em que os cargos de chefia e os de assessorias políticas são obtidos pela associação entre recursos de origens, visto que vêm de uma família de proprietários de jornais do interior, e aqueles obtidos pelo investimento nas redações e no espaço jornalístico. A própria atividade de jornalista, nesse caso, resulta num capital de relações passível de ser reconvertido em capital político.

Militância político partidária

Um dos casos exemplares do segundo padrão de trajeto profissional de jornalista e sua vinculação com a esfera política é o caso de um dos secretários da FENAJ, também membro do FNDC⁸, da diretoria do FNPJ⁹, da diretoria do Sindicato dos Jornalistas do Rio Grande do Sul e representante no Conselho de Comunicação Social. A relação entre exercício profissional do jornalismo e da política, neste caso, é intensa, o que lhe permitiu chegar a secretário de comunicação e candidato a deputado federal. Sua participação política tem início em grupos e movimentos estudantis, com intensa atividade em um grupo chamado LIBELU¹⁰. No centro acadêmico do curso de arquitetura, primeira faculdade iniciada, disputou, com sucesso, a presidência do mesmo representando o “Movimento Camponês, Operário, Estudantil” da LIBELU, concorrendo com outras duas chapas, uma delas era do Partido Comunista e a outra da UDS¹¹. Nessa época, a LIBELU disputava o controle de diversos diretórios acadêmicos no país. Sua entrada nesse grupo ocorreu via um colega do movimento estudantil da universidade onde cursava arquitetura. Na LIBELU, afirma ter lido livros clássicos do comunismo e do trotskismo: “Líamos e discutíamos Marx, Lênin e Trotski e todos os comunistas”, relembra o jornalista. Nesses grupos, estabeleceu relações com colegas que seriam futuros companheiros de militância partidária e

⁸ Fórum Nacional pela Democratização da Comunicação.

⁹ Fórum Nacional de Professores de Jornalismo.

¹⁰ Abreviação de Liberdade e Luta, a LIBELU representava uma corrente trotskista do movimento estudantil. Formada, principalmente, por estudantes universitários e secundaristas tornou-se uma das principais organizações de articulação do movimento estudantil nos anos 1970. A LIBELU nasceu da OSI (organização socialista internacional) e teve como berço a Universidade de São Paulo (USP). Para disputar o diretório acadêmico central da USP alguns integrantes da OSI formaram a chapa Liberdade e Luta. Assim a LIBELU tornou-se uma tendência que atraía milhares de estudantes.

¹¹ Sigla de União Democrática Socialista, criada em 1945, em São Paulo, por socialistas opositores ao PCB.

de carreira política. A academia foi o primeiro espaço a aparecer ligado às suas preocupações políticas, conectando assim o engajamento político à vida estudantil. Mais tarde, é a sua vida profissional que aparecerá ligada à militância política.

Ao mesmo tempo em que investia na militância e fazia o curso de arquitetura, começou a atuar em jornais diários da capital fazendo charge e na COOJORNAL como ilustrador. Depois de já estar inserido nas redações de jornais, decidiu fazer o curso de jornalismo, através do qual atuou no diretório acadêmico na qualidade de presidente e intensificou contatos com professores e colegas que estavam atuando nas redações de jornais. Tais contatos renderam-lhe algumas ofertas de emprego. Uma delas ocorreu por intermédio de um colega que o indicou para uma vaga no “Correio do Povo”. Nesse momento já fazia algumas charges para esse jornal, o que lhe possibilitou acumular duas funções no “Correio do Povo”. Logo depois da falência do jornal e da mudança de proprietários, passou a ser contratado como chargista, abandonando a função de diagramador. A outra oferta de emprego ocorreu por intermédio de um professor da faculdade, também colega de redação do jornal “Correio do Povo”, que o convidou para dar aulas na PUC, função que desempenha até hoje. Nesse momento, acumulava a função de chargista e de professor universitário, além de intensa atividade política e sindical. Sua atividade sindical, já iniciada desde o momento em que entra para as redações de jornais, intensifica-se a partir do momento em que é escolhido delegado sindical da redação do “Correio do Povo”.

A entrada no sindicato e a militância partidária ocorrem simultaneamente, mas os investimentos em cada um destes espaços, como ocupação de cargos e a ampliação da atuação, acontecem em momentos diferentes da carreira. Quando passa a ocupar cargos dentro do sindicato já tinha um longo percurso dentro do PT. Sua primeira presidência no sindicato ocorreu em 1989 quando o PT venceu as eleições municipais e toda a diretoria do sindicato dos jornalistas foi convocada para organizar a assessoria de comunicação da prefeitura. Nesse momento, de vice-presidente passa a assumir a função de presidente. Foi diretor do “Sindicato dos Jornalistas do Rio Grande do Sul” por três gestões. Desse modo, é possível perceber um processo de acumulação e ampliação das esferas de atuação.

O ingresso em um curso de graduação em jornalismo ocorreu no mesmo período em que rompeu com a LIBELU para participar da criação do PT em Porto Alegre. A divergência interna na LIBELU sobre a possibilidade de integrar um novo partido o fez romper com o grupo e aderir a um “verdadeiro partido operário”, como ele mesmo definiu em entrevista. Apesar de continuar na direção de centros acadêmicos, é possível perceber uma passagem quase imediata da militância estudantil para partidária. Esse jornalista começa na militância estudantil, passa a investir no partido e, aos poucos, o movimento estudantil é substituído pelo movimento sindical.

A vida acadêmica desse jornalista, na graduação ou na pós-graduação, tem um sentido de militância permanente. Alguns anos após a conclusão do curso de graduação, em 1984, ingressou no mestrado de sociologia da UFRGS¹², curso que não concluiu em função da intensa atividade partidária, sindical e profissional nos jornais da capital. A entrada no mestrado foi motivada por um conjunto de amigos, muitos deles do PT, que lá estavam e porque, na sua visão, era um lugar em que se fazia uma leitura sistemática de teoria, possibilitando organizar e sistematizar um debate que fazia ideologicamente na militância. Segundo ele, por meio do curso pode “estudar Marx de uma maneira mais organizada e crítica”. Depois deste mestrado, esse jornalista iniciou o mestrado em Comunicação na UFRGS e, atualmente, está concluindo o mestrado em Comunicação na PUC. Sua experiência de militante estimulou não só sua vida acadêmica como toda sua vida profissional. Nesse sentido, o seu engajamento político tende a estruturar os seus investimentos profissionais.

A entrada no curso de graduação em jornalismo, segundo ele, representava uma extensão de sua militância. Em função de já estar atuando em jornais e fazendo militância, afirma ter optado pelo curso de jornalismo para “transformar o país e reformar o mundo”, razão pela qual também atua na política e continua no jornalismo. Ele afirma ainda ter encontrado as motivações necessárias para entrada no jornalismo na militância estudantil, a qual permitiu desenvolver, de forma organizada, uma “crítica social” já manifestada na infância e na juventude. A apresentação dos motivos que o levaram a escolher o jornalismo torna-se um meio apropriado para integrar seus interesses políticos dentro da sua futura vida profissional. A escolha aparece elaborada em ligação com sua sensibilidade política, o que contribui para reforçar ainda mais o seu engajamento.

Além disso, na sua visão, o papel do jornalismo e do jornalista é intensificar a “esfera pública”, proporcionar as populações excluídas e de baixa renda as mesmas informações que são destinadas a outros grupos sociais e não propor jornais especializados, jornais que seriam, em suas palavras, “de classe, segmentados”. Desse modo, o jornalista estaria cumprindo o seu papel de contar a história cotidiana a todos os segmentos sociais, selecionando o que é de “interesse público” nessa história, aquilo que interessa à população como um todo. Isso demonstra uma definição militante das próprias competências jornalísticas e a reconversão de saberes incorporados pela experiência política em um “saber-fazer” jornalístico.

Porém, os significados atribuídos ao passado e ao próprio exercício do jornalismo dependem da interseção com as esferas às quais estava vinculado. A inserção na militância estudantil, partidária e sindical cria as condições para esta percepção e para a conquista de cargos, ampliando, assim, as esferas de atuação

¹² Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

profissional. O militatismo, nesse caso, estudantil, partidário e sindical, contribui não só para formação de uma rede de relações, que pode ser mobilizada em diversas situações, mas também para uma visão de mundo militante (GAXIE; OFFERLÉ, 1985; CORADINI, 2001). Assim, ele orienta subjetivamente as “esferas” de sua “vida” pelos seus engajamentos.

Esse caso representa uma modalidade de associação de recursos em que a atuação partidária e sindical ocorre simultaneamente aos investimentos no jornalismo, possibilitando uma interferência nesses dois espaços. Os exemplos dessas interferências podem ser encontrados nas diversas greves da categoria do qual participou, nos cargos políticos que ocupou na qualidade de jornalista e na participação na COOJORNAL¹³, compondo a última chapa (petista) vencedora das eleições na década de 1980, a qual levaria ao racha definitivo da cooperativa. O fim da COOJORNAL foi provocado por uma forte tensão entre aqueles que representavam o grupo fundador, e que pensavam a cooperativa como um empreendimento jornalístico, e aqueles que pensavam o jornal como um empreendimento político, representado pela chapa formada por militantes do PT.

No que diz respeito aos cargos políticos que ocupou, esse jornalista foi Secretário de Comunicação do governo do estado do Rio Grande do Sul pelo PT. Além desse cargo, candidatou-se a deputado federal pelo PT, reconvertendo assim os recursos políticos em recursos eleitorais, mas, como não se elegeu, o partido convidou-o para administrar a pasta de comunicação do estado.

Atualmente, além de professor, esse jornalista atua na secretaria da FENAJ, na diretoria do “Sindicato dos Jornalistas do Rio Grande do Sul”, na coordenação do FNDC, compõem a diretoria do FNPJ e representa os jornalistas no Conselho de Comunicação Social. As sucessivas ocupações de posições de lideranças e de cargos em organizações sindicais, associativas e políticas ocorrem simultaneamente ao investimento na carreira acadêmica. Esses postos adquirem um duplo sentido na medida em que esse jornalista apresenta-os constantemente como uma atuação profissional e política. Essas atuações, apesar de representarem a ocupação de cargos políticos que dependem de vínculo partidário, são percebidas como atuações jornalísticas que permitem colocar o conhecimento que ele tem do jornalismo a serviço da comunicação e da política. As atividades políticas são definidas como um prolongamento da atuação profissional e essa última, por sua vez, é percebida como completamente política, visto que o próprio exercício do jornalismo é concebido como uma atividade militante que implica intervenção e atuação diante da realidade. Os cargos e as atividades que desempenha atualmente, como representante de entidades da categoria e de movimentos sociais como FNDC, dentre todos os outros,

¹³ Cooperativa dos Jornalistas do Rio Grande do Sul, criada na década de 1970.

representam a possibilidade de desempenhar esse duplo papel, promovendo políticas de comunicação e colocando o conhecimento jornalístico a serviço da população.

Em síntese, esse trajeto caracteriza-se por um conjunto de investimentos simultâneos ao jornalismo, no Partido dos Trabalhadores e no “Sindicato dos Jornalistas do Rio Grande do Sul”. Os contatos proporcionados por tais investimentos renderam-lhe uma candidatura e o cargo de secretário estadual de comunicação, além de lhe possibilitarem a liderança sindical. A inserção militante, partidária e sindical permite acumular um conjunto de recursos que podem ser usados para diversificar os espaços de atuação jornalísticos.

A ligação entre a esfera profissional e aquela do engajamento aparece claramente tanto no que diz respeito aos recursos que são convertidos para ampliar os espaços de atuação profissional, como nos aspectos subjetivos que permitem estabelecer uma conexão entres esses espaços¹⁴. Ao longo da entrevista realizada para este estudo, ele não cessou de colocar que seu trabalho e seu engajamento político fazem parte de um todo e que não estão separados, apesar de seu constante esforço para controlar as interferências que podem ocorrer entre o jornalismo e a política. Assim, a imbricação desses espaços dá à sua ação um sentido. Esse jornalista procura apresentar uma coerência em seus relatos entre sua atuação profissional e sua atuação política. A preocupação dessa coerência é central para ligar subjetivamente essas esferas que, à primeira vista, não tem laços comuns.

Uma versão mais voltada para o investimento nas assessorias de imprensa é representada por um assessor de imprensa do Ministério da Saúde, atualmente, também componente da diretoria do “Núcleo de Assessores de Imprensa” do “Sindicato dos Jornalistas do Rio Grande do Sul”. Natural do interior do estado do Rio Grande do Sul, de uma família com recursos econômicos precários, mãe professora primária e pai operário, ambos membros do Partido Comunista, formou-se em jornalismo pela PUC em 1985. Durante sua juventude ingressou no Partido Comunista e ali conheceu outros jornalistas que também estavam no partido. Nesse partido ficou até 1995 quando, depois de disputas internas, decidiu ir para o Partido dos Trabalhadores. No período da universidade, foi do centro acadêmico do curso de jornalismo, do diretório acadêmico central e da “União Nacional dos Estudantes”, momento em que investiu ativamente na militância estudantil e partidária vinculando-se ao Partido Comunista.

Depois de formado, conquistou vaga de jornalista em alguns jornais de Porto Alegre e Florianópolis, sobretudo na editoria de política, investindo concomitantemente em sua militância política. Após alguns anos atuando na editoria de política, seu capital de relações sociais com esse universo era vasto, intensificado

¹⁴ Para uma visão mais ampla sobre a relação entre esferas de vida, ver: Passy (2005).

ainda mais pela atuação em partidos políticos e militância associativa. Tal capital lhe proporcionou um convite para atuar na assessoria de imprensa da prefeitura de Porto Alegre, atividade que exerceu durante dois anos e meio. Uma parcela deste período foi exercida concomitantemente à atividade no jornal. Esse emprego foi conquistado por intermédio do prefeito, do PT, que já conhecia o seu trabalho como jornalista de política, mas principalmente, já o conhecia da militância partidária. No jornalismo de redação esse jornalista encontra a possibilidade de reverter seus vínculos em “fontes” e também de ampliar as formas de atuação profissional, não ficando restrito ao universo das redações.

Além da atuação na prefeitura de Porto Alegre, também trabalhou como assessor na Câmara de Vereadores, durante a administração do PT. Seu ingresso nessa atividade ocorreu em função da relação com o universo da política proporcionada pela reportagem política e, também, pela sua atuação sindical e partidária. Na Câmara de Vereadores seus contatos ampliaram-se, pois através dela conheceu um vereador que se elegeu a deputado estadual e convidou-o para assessorá-lo na Assembléia Legislativa. Mais tarde, quando o PT assumiu o governo do estado do Rio Grande do Sul, em 2000, fez um concurso para assessor na Secretaria de Saúde e foi aprovado. Em seguida foi cedido para o Ministério da Saúde, momento em que a presidência da república estava com o PT.

Nesse caso, a atividade como repórter de política permitiu e favoreceu o acesso ao universo da política e o contato com políticos por meio da relação com as “fontes”, ao mesmo tempo, em que esse contato, muitas vezes, era reforçado e intensificado pela sua atuação no “Sindicato dos Jornalistas do Rio Grande do Sul” e nos partidos nos quais estava vinculado: primeiro o Partido Comunista e, mais tarde, o Partido dos Trabalhadores. Tais inserções reforçavam seus vínculos com a política, não só em função do jornal, mas também em função da atividade militante.

Tal trajeto caracteriza-se pelo investimento concomitante nas redações, nos partidos políticos e no sindicalismo. Isso possibilita inserções diversas no jornalismo e o acesso aos postos de assessoria de imprensa pública. Dessa forma, é possível perceber as modalidades de existência e as condições de uso da militância (estudantil, sindical, partidária) para ampliação dos espaços de atuação no jornalismo. Assim como os esforços no sentido de converter as relações e os contatos em novas posições. A assessoria de imprensa constitui uma forma particular de reconversão de recursos políticos, muito deles conquistados em função dos contatos com o universo da política proporcionados pela editoria de política, e no universo militante (sindicato, partidos políticos) em novas formas de atuação profissional.

Considerações finais

Este artigo permitiu mostrar a diversidade de bases sociais e de esferas de atividades acionadas pelos jornalistas para inserção e para ascensão profissional e explicitou certas combinações possíveis entre recursos que conduzem à ocupação de posições dominantes na hierarquia jornalística e o acesso aos cargos mais cobiçados, sejam eles no interior das redações ou fora delas. Por um lado, destacaram-se os recursos respaldados nas redações jornalísticas e nas relações com as fontes de informação. Por outro lado, aqueles obtidos pela intensa militância política e partidária. Tais recursos caracterizam-se como uma garantia de sucesso na profissão, uma vez que, para ingressar em tal universo, o futuro jornalista deve deter desde o início um sólido caderno de endereços e relações que lhe possibilitem abrir certas portas na profissão. Esses recursos funcionam como trunfos capazes de permitir um capital de relações sociais que pode ser mobilizado em situações diversas para ampliar os espaços de atuação profissional, sobretudo na esfera política.

PROFESSIONAL ACTING, POLITICAL RESOURCES AND PATTERNS OF INVESTMENT IN RIO GRANDE DO SUL'S JOURNALISM

ABSTRACT: *This study analyzes the recruiting patterns and professional ascending of RS journalists. One of the conditions for this professional ascending which highlights itself is composed by strategies of transformation of political resources in journalistic positions and in new definitions of the mechanisms of legitimating the professionals' roles. The special way of relating the journalistic expertise with the political action results in the professional intervention inside public assistances and in the occupation of state institutions positions. The methodology which is used is consisted of interviews with journalists responsible by leading positions with the objective of obtaining information connected to the social, political and professional fields.*

KEYWORDS: *Elitism. Journalism. Political resources. Professional acting.*

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. M. F. de. et al. Circulação internacional e formação intelectual das elites brasileiras. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2004.

BOIGEOL, A.; DEZALAY, I. De l'agent d'affaires au barreau: conseils juridiques et la construction d'un espace professionnel. **Genèses**, Paris, n. 27, p. 49-68, juin. 1997.

BOLTANSKI, L. **Les Cadres**: la Formation d'un Groupe Social. Paris: Les Éditions de Minuit, 1982.

BOURDIEU, P **La Noblesse d'État**: grandes écoles et esprit de corps. Paris: Editions de Minuit, 1989.

_____. **Homo Academicus**. Paris: Editions de Minuit, 1984.

CHARLE, C. Como anda a história social das elites e da burguesia? Tentativa de balance crítico da historiografia contemporânea. In: HEINZ, F. M. (Org.). **Por outra História das Elites**. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006. p.18-39.

CORADINI, O. L. **Em nome de quem?** Recursos sociais no recrutamento de elites políticas. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2001.

_____. Grandes famílias e «elite profissional» na medicina no Brasil. **História, Ciências, Saúde Manguinhos**, Rio de Janeiro, v.3, n.3, p.425-466, nov. 1996.

DEZALAY, I.; GARTH, B. G. **La Mondialisation des Guerres de Palais**. Paris: Éditions du Seuil, 2002.

_____. A dolarização do conhecimento técnico-profissional do Estado: processos transnacionais e questões de legitimação na transformação do Estado (1960-2000). **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.15, n.43, p.163-175, jun. 2000.

DOGAN, M. Les Professions Propices à la Carrière Politique: osmose, filières et vivieres. In: OFFERLÉ, M. (Dir.). **La Profession Politique**: XIXe Siècles. Paris: Belin, 1999. p.171-200.

DULONG, D. Quand l'économie devient politique. La conversion de la compétence économique en compétence politique sous la Ve République. **Politix**, Paris, v.9, n.35, p.109-130, 1996.

GAXIE, D.; OFFERLÉ, M. Les Militants Syndicaux et Associatifs au Pouvoir? Capital Social Collectif et Carrière Politique. In: BIRNBAUM, P. (Dir.). **Les Élités Socialistes au Pouvoir**: les dirigeants socialistes face à l'État, 1981-1985. Paris: PUF, 1985. p.105-138.

GRYNSZPAN, M. A. **Ciência, Política e Trajetórias Sociais**: uma sociologia histórica da teoria das elites. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 1999.

_____. Teoria das Elites e sua Genealogia Consagrada. **BIB**, Rio de Janeiro, n.41, p.35-83, 1996.

HEINZ, F. M. (Org.). **Por outra história das elites**. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006.

LEBARON, F. O Campo dos Economistas Franceses no Fim dos Anos 90: Lutas de Fronteiras, Autonomia e Estrutura. **MANA**, Rio de Janeiro, v.7, n.1, p.9-29, 2001.

LOUREIRO, M. R. G. **Os economistas no Governo**: gestão econômica e democracia. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.

MATONTI, F. ; POUPEAU, F. Le Capital Militant. Essai de Definition. **Actes de la Recherche em Sciences Sociales**, Paris, n.155, p.5-11, déc. 2004.

MICELI, S. **Intelectuais à Brasileira**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. **A elite eclesiástica brasileira**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

NEVEU, E. **Sociologie du Journalisme**. Paris: La Decouverte, 2001.

OFFERLÉ, M. Professions et Profession Politique. In: OFFERLÉ, M. (Dir.). **La Profession Politique**: XIXe Siècles. Paris: Belin, 1999. p. 7-36.

PASSY, F. Interactions Sociales et Imbrications des Sphères de Vie. In: FILLIEULE, O. (Org.). **Le Desengagement Militant**. Paris: Belin, 2005. p. 111-130.

PETRARCA, F. R. **O Jornalismo como Profissão**: recursos sociais, titulação acadêmica e inserção profissional dos jornalistas no Rio Grande do Sul. 2007. 308f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

PINÇON, M.; PINÇON-CHARLOT, M. A infância dos chefes: a socialização dos herdeiros ricos na França. In: ALMEIDA, A. M. F.; NOGUEIRA, M. A. (Org.). **A escolarização das elites**: um panorama internacional da pesquisa. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p.11-28.

RIEFFEL, R. **L'élite des Journalistes**: les herauts de l'information. Paris: PUF, 1984.

RIESMAN, D.; GLAZER, N.; DENNEY, R. **A Multidão Solitária**: um estudo da mudança do caráter americano. São Paulo: Perspectiva, 1971.

RUELLAN, D. Le Professionnalisme du Flou. **Réseaux**, Paris, n. 51, p.1-12, 1992.

SAPIRO, G. Elementos para uma história do processo de autonomização: o exemplo do campo literário francês. Tradução de Sérgio Miceli. **Tempo Social**, São Paulo, v.16, n.1, p. 93-105, jun. 2004.

SEIDL, E. **A Elite Eclesiástica no RS**. 2003. 460f. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

Recebido em outubro de 2008

Aprovado em outubro de 2008